

"Beijo" (Victor Brecheret) e "Igreja de Recife" (John Graz), peças da mostra do Sesc

Exposição relembra a Semana de 22

Na década de 40, o artista suíço John Graz executou relevos em concreto, painéis em gesso e esculturas em pedra para a mansão da família Jafet, em São Paulo. Os anos passaram e grande parte da obra do artista se perdeu, vítima do gigantesco desenvolvimento da cidade. Porém, esses trabalhos se salvaram: o Serviço Social do Comércio — Sesc — comprou a mansão e procedeu à recuperação das peças, integrando-as a seu patrimônio e colocando-as no Centro Campeste "Brasílio Machado Neto", da entidade. A exposição "John Graz, Victor Brecheret e Guilherme de Almeida — 60 Anos da Semana de Arte Moderna" foi motivada pela recuperação e instalação das peças no Sesc (rua Manoel Alves Soares, 1100 — Rio Bonito), onde permanecerá — a partir de hoje, às 15 horas — até o dia 11 de julho, de quarta-feira a domingo, das 9 às 18 horas. Como o próprio título deixa claro, a mostra é também uma homenagem ao movimento artístico deflagrado em São Paulo numa semana de fevereiro de 1922, da qual participaram também o escultor Victor Brecheret e o poeta Guilherme de Almeida, ambos presentes na mostra.

Além dos relevos, painéis e esculturas da mansão Jafet, John Graz (1891-1980) tem expostos óleos e desenhos que percorrem aproximadamente 60 anos de ininterrupta atividade artística, desde sua chegada ao País até sua morte, em São Paulo.

Dois anos após ter-se transferido para o Brasil, Graz expôs sete telas na Semana de Arte Moderna que se realizou no Teatro Municipal, estreitando seus laços de amizade com Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Victor Brecheret, Emiliano Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Antonio Gomide, de quem se tornaria cunhado. Paralelamente à pintura, ele se dedicou à decoração de interiores das mansões paulistas da época, introduzindo o *art déco*. Annie Graz fala dos primórdios da carreira brasileira do artista: "Fez jus ao apelido de 'Graz, o futurista' não só nas telas expostas no Teatro Municipal em 1922, mas também nas suas realizações inovadoras de arquiteto de interiores, introduzindo o *art déco* tanto na composição dos projetos, quanto nos mínimos detalhes da decoração, dos quais ele cuidava pessoalmente". No catálogo, Annie observa que, apesar de modernista, sua obra nunca se afastou de um certo classicismo — a última exposição de Graz, individual, aconteceu em 1980, na Galeria Paulo Figueiredo.

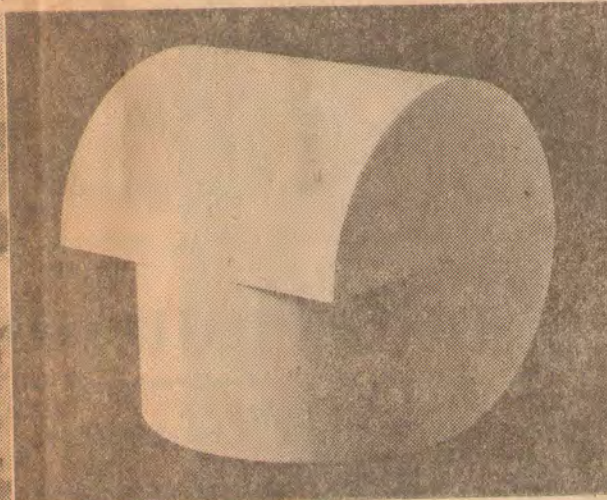
De Victor Brecheret, estão expostos esculturas e desenhos que representam todas as suas fases, de 1920 até sua morte (1955). O nome de Brecheret, que nasceu em São Paulo, em 1894, é indissociável da Semana de Arte Moderna, embora ele não ficasse apenas nesse marco e evoluísse permanentemente. No catálogo, observa

Sandra Brecheret Pilegrini: "Em verdade, se há uma obra que resiste ao passar do tempo, sem qualquer dificuldade em face da evolução da própria arte, em cotejo inclusive com artistas dos mais renomados, essa é a de Brecheret, embora passados quase 30 anos de seu falecimento". Alguns anos antes de sua morte, Brecheret obteve o primeiro prêmio nacional de escultura na I Bienal de São Paulo e viu a inauguração de seu "Monumento às Bandeiras", no Ibirapuera, cuja maquete original foi executada ainda na década de 20. O poeta Guilherme de Almeida (1890-1969) foi um soldado de primeira hora do modernismo e percorreu o Brasil difundindo a renovação nas artes e nas letras. A presença do poeta será evocada na mostra do Sesc por meio de painéis fotográficos que reproduzem suas poesias e objetos pessoais e de sua casa, hoje transformada em museu. Guilherme de Almeida pertenceu às Academias Paulista e Brasileira de Letras, deixando uma vasta obra poética que inclui, entre outros, os títulos "Nós", "A Dança das Horas", "Messidor", "Narciso", "O Festim", "A Frauta que eu perdi", "Encantamento", "Raça", "Simplicidade", "Tempo", "O Anjo de Sal", "O Pequeno Romancista" e "Rosamor".

A exposição tem o apoio de Secretaria de Cultura do Estado e os convites podem ser retirados na Galeria Sesc Paulista (avenida Paulista, 119), das 10 às 19 horas.

Além de homenagear o artista John Graz, uma exposição também evoca a Semana de Arte Moderna de 1922 que, este ano, completa 60 anos. "John Graz, Victor Brecheret, Guilherme de Almeida — 60 Anos da Semana de Arte Moderna" apresenta pequenas retrospectivas das obras de Graz e Brecheret, e relembra a presença do poeta Guilherme de Almeida por meio de seus poemas e objetos pessoais.

A representação brasileira na próxima Bienal de Veneza se restringirá a apenas dois artistas. Sem demérito ao trabalho de Sérgio Camargo ou de Tunga, o País poderia enviar número maior de artistas plásticos. Mas o governo brasileiro alega que existem problemas de "contenção de despesas". Assim, apenas uma pequena parcela de nossa arte, ainda que de qualidade, poderá ser vista na Bienal.



Sérgio Camargo e Tunga serão os únicos brasileiros presentes à Bienal de Veneza

Arte de Camargo e Tunga em Veneza

SHEILA LEIRNER

Menos do que a sexta parte do prêmio oficial que apenas um jogador da Seleção brasileira de futebol poderá ganhar na Copa do Mundo, seria o suficiente para que o Itamaraty tivesse enviado este ano — com os mesmos critérios e procedimentos de sempre, e por sua própria conta — a representação artística completa do Brasil à Bienal de Veneza.

Na falta de verbas governamentais, que para a Cultura sempre parecem ser consideradas "supérfluas", e com o esforço de algumas pessoas interessadas tanto em assegurar à Bienal de São Paulo contra algum eventual boicote ou restrição futura, quanto em promover artistas do avançado grupinho intelectual carioca, foi encontrada, por meio do Inap, uma saída estratégica que brindou Sérgio Camargo e Tunga com a mostra veneziana. O primeiro, afinal, já estava com seus pesados mármore negros e brancos em exposição na Europa. O segundo, se é que não estava, pelo menos trabalha com materiais leves, de fácil transporte.

Não que eles não possuam o mérito de representar o nosso país numa manifestação deste porte. Muito ao contrário, tanto um como o outro tem uma importância bem definida dentro de suas gerações específicas e no contexto mais amplo da arte brasileira. Contudo, a improvisação e intencionalidade com que foram escolhidos é principalmente o que gera a desagradável perplexidade que paira no ar. Sérgio Camargo, o mentor político e

intelectual das rodas evoluídas de São Paulo e Rio, polariza críticos, marchands e sobretudo artistas. É o ponto de contato entre essa geração contemporânea e a experiência moderna européia que ele viveu, mas ela não conheceu (Brancusi, Arp, Vantongerloo, etc.). Um mito, enfim. Por isso, talvez, a sua obra, apesar de seguir um processo formalista tradicional parece encontrar uma surpreendente aceitação entre os que defendem conceitos mais contemporâneos de arte.

Os trabalhos apresentados em Veneza ainda não são conhecidos do público, mas se adivinha que eles se inserem na mesma materialidade e plasticismo que a sua obra sempre perseguiu. Embora — diante das novas gerações, e talvez com medo de decepcioná-las — esta obra enfatize, pretenciosamente, um lado imaterial, conceitual, de raciocínio mais intrínscado, que as suas elaborações formais, numa ilusão, também podem sugerir.

Honestamente, sem preconceitos, a escultura de Sérgio Camargo deve reconhecer-se como é: construída, deliberadamente bela, autocontendística, de "pedestal" mesmo; e o seu mármore — preciosíssimo — está ali para funcionar de forma essencial e não como suporte ocasional. Um material que, sem dúvida, é o gerador básico dos elementos plásticos da materialidade formalista que tão fortemente marcou os contemporâneos modernos do artista, mas que já anda bem atrás do minimalismo.

A arte de Sérgio Camargo é manu-

mental, porém privada; hierática, mas interpretativa; construída, porém não manual; e é muito difícil acreditar que o fundamental para o artista seja, como ele afirma, a energia direcional e a vivência, e não a massa ou a proporção para criar uma forma bonita".

Ao contrário da obra de Sérgio Camargo, o trabalho de Antonio Carlos Barros Carvalho e Mello Mourão, mais conhecido como Tunga, realmente nega a experiência escultórica. Se os trabalhos inéditos em feltro branco que apresenta em Veneza estiverem dentro do que ele mostrou em julho do ano passado, pode-se adiantar que eles são uma espécie de colagem prazerosa de artefatos que enfatizam um resultado plástico de "representação", muitas vezes em prejuízo da explicitação da experiência gestual primária (ou seja, não radicalizam a negação da tradição escultórica), mas tem um enorme interesse sensorial e intelectual.

Este interesse reside sobretudo na ambivalência, fator essencial em seus trabalhos. Não a ambivalência da discussão que a alegoria geralmente provoca entre a "aparência" e a "realidade", (no caso, dos seus engenhos que fabricam fenômenos físicos como luz ou calor e que não têm lugar em nossa lógica cotidiana). Trata-se da ambivalência que está no lado psíquico e físico da obra. Pois o trabalho de Tunga é, em síntese, simultaneamente um estado de mente e um estado de fato. Envolve forças físicas que possuem incontestáveis e enriquecedores correlativos psíquicos.